



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista.,

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP E IMP. CENTRO DE NOVIDADES

## Culto do passado

**N**A vida historica d'uma nacionalidade, as gerações succedem-se, solidarizadas pela trama de sentimentos e aspirações communs, na mesma obra progressiva de aperfeiçoamento materiaes e moraes.

Aos individuos d'uma certa epocha importa conhecer as obras bellas e os feitos illustres dos seus antepassados, para que possam ter a consciencia clara do que lhes incumbe fazer, como elementos activos no super-organismo social, a fim de condicionarem aos vindouros maior somma de felicidade transmittindo-lhes, accrescida de ideias novas e novas riquezas, a herança de civilização que pelos antepassados fôra legada.

O conhecimento de todos os factos volvidos que representem a victoria das forças intellectuaes sobre a natureza bruta, que atestem o triumpho da verdade e da justiça sobre a mentira e sobre o erro, que mostrem o ascender dos altos espiritos para novas formas de belleza, é estimulo poderoso e fecundante das actividades de todos aquelles cuja organização encerre em germen facultades de trabalho, de intelligencia e de arte.

A vida do passado não a revelam sómente livros de historia. Objectos communs e ar-

tisticos, restos de habitações, templos e monumentos, etc., são os testemunhos eloquentes que nos indicam quaes as crenças e ideias dos antigos, quaes os motivos que preferentemente orientavam as suas actividades.

As obras de architectura, esculptura, pintura, musica, poesia, litteratura, que elles nos deixaram em herança, são os mananciaes a que devem recorrer quantos se interessarem por essas eras ora gloriosas, ora decadentes em que viveram os nossos maiores.

Se é certo que nem todos, nem mesmo a maior parte, podem receber noções tão completas e complexas dos estados sociaes transactos, ao menos que em todas as escolas haja o cuidado de retemperar o sentimento patriotico no peito das gerações novas, fazendo salientar calorosamente os feitos de mais pura e lidima gloria, pelos quaes fomos compartes activos na vasta obra da civilização mundial.

De mais é indispensavel a qualquer povo que respeite o seu passado, as suas tradições, conservar carinhosamente os monumentos que d'esse passado elle herdou.

Sobretudo que de ora avante nós não posamos ter a magoa de verificar esses vandalismos iconoclastas, perpetrados pelas pretensões ignaras de certos reformadores que, na maior das inconsciencias, teem destruido ou estragado muitos dos monumentos que dos tempos idos nos restavam, para fazerem

essas obras banaes, incaracteristicas, desgraciosas, significativas só de muita ignorancia e... mau gosto.

Nem ao menos se lembram taes senhores de que qualquer terra, qualquer localidade somente se torna interessante e curiosa para estranhos ou estudiosos, pelo que n'ella ha de original, raro ou caracteristico e não pelo que possuam de imitações mais ou menos macaqueadas, com mais ou menos arrebiques.

Tudo quanto os diferentes povoados, as diversas regiões tenham de particular e caracteristico devem-no conservar com o mais escrupuloso cuidado, para que esses elementos, esses meios de atracção dos curiosos avidos de singularidades ou de motivos artisticos originaes não desapareçam vencidos pela banalidade e pela rotina.

Todo o individuo um pouco instruido e

bem equilibrado é susceptível de vibrar de emoção ao contemplar um monumento por desgracioso que a ignorantes pareça, ao passo que essas taes banalidades, que quasi sempre os substituem ou estragam, dão-lhe uma impressão sim mas... de tedio.

Para finalizar estas considerações cumpreme dizer que o passado deve ser conhecido não para adormecermos embalados nos sonhos inebriantes das epicas glorias d'esses antigos descobridores de mundos que foram nossos avós, mas para colhermos incentivos que nos animem a proseguir no arduo caminho que temos de trilhar para conseguir, pela educação do character e cultura de intelligencia do povo portuguez, a reorganisação e revigoroamento da nossa patria.

Braga, 25—4—11.

HORACIO D'AMORIM.

---

## Carta de longe

---

*Pará, 19 de abril de 1911.*

Meus amigos:

**C**ALCULO que esta carta vae ali chegar na ocasião da grande festa annual da nossa terra, e é com a alma cheia de saudades que lhes escrevo estas linhas que, mais felizes do que eu, vão partir pelo primeiro paquete para esse cantinho querido do nosso Portugal, onde deixei ficar, tão longe, o coração.

Estou d'aquí a vê-la, a nossa linda terra, em festa, com as suas ruas engalanadas e cheias de forasteiros curiosos e d'esse bom povo, ingenuamente embasbacado, das nossas aldeias; estou a ouvir estoirar os foguetes, tocarem esfalfadas, ao desafio, as bandas de musica nos coretos, e o sussurro alegre d'essa multidão aquecida por um sol radioso de Maio, e que a frescura espumante do nosso vinho verde tornou mais vibrante, mais expansiva, mais feliz! No ar ha o perfume leve da flôr da vinha, e o ceu muito claro é de um azul suave que enternece; e lá em baixo o Cavado, entre a areia doirada e os salgueiros verdes, corre manso, muito

sereno e muito espelhado, no meio de toda essa animação, de toda essa alegria, de todo esse bulicio.

E a Parada Agricola! Como eu penso n'ella, n'essa festa tão nossa! Tão imponente na sua simplicidade! Tão encantadora na sua significação!

Como me lembro com saudade dos trabalhos passados para a realizar! Com que empenho vehemente lhe desejo o exito mais brilhante!

Vi nos jornaes que este anno se tinha encarregado d'ella a Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal. Ainda bem!

E' isso uma garantia segura de successo, e vejo tambem realisado o que sempre pensei: que a Camara é quem deve tomar a iniciativa e o encargo de organizar e dirigir uma festa como essa.

E penso ainda mais: penso que n'esse desfilar glorioso da nossa gente do campo, n'essa parada da maior força e da mais solida riqueza do concelho, a Camara tem o seu logar marcado, um logar de honra, e não devia deixar de o occupar.

Devia incorporar-se no cortejo arvorando com orgulho o seu estandarte, e fazer-se acompanhar por tudo quanto em Barcellos representa intelligencia, actividade, energia



BARCELLOS — PRAÇA DE D. PEDRO V

mittam por intermedio do «Barcellos-Revista» á nossa terra, traduzindo o que elle significa de commovida saudade e de devotada dedicação. E digam-lhe que no dia 3 de Maio, quando ahí os corações vibrarem de entusiasmo no triumpho glorioso da festa, tambem eu, cá de tão longe, hei de sentir o meu bater com mais força, ao pensar enternecidamente n'ella.

E só, isolado no meio da multidão ruidosa que enche n'estas tardes ardentes o «Café da Paz» hei de fazer ao jantar uma saúde a Barcellos, e beber pelo exito da Parada Agricola, que, no seu symbolismo simples, tão bem exprime a ideia que a originou, que lhe deu vida, e que a não deixa morrer :

«Promover o desenvolvimento da Agricultura é trabalhar pela prosperidade da Patria.»

V. B.



## Bolas de Sabão

### PEQUENOS POEMAS EM PROSA

(FRAGMENTO)

e trabalho, a Imprensa, as Corporações, as Escolas, as Associações operarias. E assim mostraria a esse bom povo dos campos que os seus concidadãos o comprehendem, o admiram, e estão ao seu lado com todo o seu prestigio e a sua força moral...

Para onde isto me ia levando meu Deus! E agora reparo que estão 32.º C.º no meu gabinete da «Port of Pará», e que, apesar de estar em mangas de camisa, estou a suar em bica sobre estes pobres linguados!

Mas acabo de passar uma hora refrigerante e consoladora a fallar com os meus amigos, quasi a julgar-me em Barcellos!

\*

Vou acabar esta carta: leva-lhes ella um abraço muito affectuoso que lhes peço trans-

BEM me lembro... Bem me lembro...

Tarde primaveril, cheia de sol, cheia de flores. Pela vês primeira meus labios puros fizeram inchar na agua de sabão a ligeira esphera, mundo irisado, translucido e limpido do meu pasmado encanto. Subiu pelo azul para chegar ao ceu.

Subiu... subiu. Mas vindo a brisa logo se rasgou. E desfêz-se. Sobre o pó os meus olhos de creança, cheios de pranto, nem signal da sua agua de sete cores puderam encontrar.

Bem me lembro... Bem me lembro.

Tarde de outono, tepida e doce dos meus quinze annos. Pela vês primeira meus labios

## Folk-lore regional

Carta d'um soldado, que foi servir em Macau, a sua Mãe.

*Com pena do coração  
Vim para Macau destacar,  
Passem por lá bom tempo  
Se eu á terra não voltar.  
Adeus minha querida Mãe  
Até quando Deus quizer,  
Já que a sorte assim o quer  
Paciencia, vou-me embora  
A minha Mãe, triste chora  
Já não tem consolação,  
Sabe Deus com que paixão  
Ainda não fui, mas vou ;  
Meu peito á bala traidora  
Largo ao romper d'Aurora  
Com estandarte na frente,  
Que vou morrer de repente  
Para minha Patria livrar  
Das mãos d'aquelles piratas*

*Que nos querem derrotar,  
Por isso sou obrigado  
Vou para Macau destacar.  
Adeus 4 d'artilheria,  
Adeus minha Mãe amada,  
Adeus toda a rapaziada,  
Lá da minha freguezia,  
Adeus amor d'algun dia,  
Com quem passei algum tempo,  
Rapazes do meu sorteamento  
Reparem com attenção.  
Adeus manas do coração  
Passem por cá bom tempo.  
Adeus Igreja Matriz,  
Aonde fui baptisado,  
Adeus o tempo passado  
Que passou este infeliz.  
A minha sorte assim o quiz  
Com os chinas ir lutar,  
Muito suspiro hei-de dar,  
Pela minha Mãe do coração.  
E a todos peço perdão  
Se á terra não voltar.*

puros, entre rosaes floridos beijaram de amor uns labios lindos.

Beije... beije. Minha alma anciosa, isolada e sonhadora já então andava outra procurando. Doce encanto da minha illusão... Veio o tempo, tudo desfêz e nos meus labios seccos de febre nem o sabor divino da alma tranquilla tornei a encontrar.

Bem me lembro... bem me lembro...

Impressões fugazes... Bolas de sabão...

✽

E tu, creança de olhos ingenuos, ao vêres no azul da phantazia desfazer-se o illusorio encanto d'estas Bolas de Sabão incoherentes, fecha no teu peito o meu amor e o teu amor, gemeosinhos tenros, bem unidos, bem apertados para que na plenitude da Graça eternamente vivam terna, eternamente unidos.

✽

De dois germens diversos em terras distintas nasceram um dia de um uima scabiosa rara, de outro um insecto d'oiro.

A um canto, que o sol beijava, entre podridões fecundas, a planta teve o primeiro impulso da vida embrionaria. Abriu bractees

firinou raizes e foi erigindo um caule e desdobrando folhas. E cresceu e subiu, ser perfeito, cheio de orgulho, á luz do sol tranquillamente.

Mas na ancía perene da eterna vida desejou uma flôr por fim. Na extremidade de um til erecto inchou um botão que foi desabrochando, coccineo, avelludado e leve n'um pequenino sacco bilabiado e fulvo. Quatro estames em cruz, recurvos como abraços, aloiraram-se de polen e os nectarios abertos iam até longe levar embrieguez, solicitações, desejos.

Muito longe entre podridões eguaes teve a larva d'um pobre insecto o primeiro estremeção de vida. E logo começou sugando toda a noite e sugando todo o dia as humidas fermentações da materia decomposta. Cresceu e foi medrando. Era indolente e fradresco e gordo e nojento e deixava-se viver na suprema paz material e farta.

Mas um dia, ai d'elle... veio-lhe um doentio mal, a ancía de amar. Viu a sua miseria e não mais hauriu as humidas fermentações. Imobilisou-se. Foi-se retrahindo e concen-

trando. Que desgraça a sua. Para que a tanto aspirava e porque tão asqueroso nascêra. Hirto de magua era dentro em pouco um pequeno corpo inerte e informe.

Ora passou-se tempo e um dia, no esplendor d'um raio solar, surgiu do corpo informe um turbilhão doido de alegria.

Como o amor levara da podridão á luz um pobre ser nojento...

Era n'um dia de maio deslumbrante de belleza avistou elle entre a verdura a scabiosa fulva. Mas logo volteou para longe e embebeu o olhar no azul.

O sol ardia triumphalmente. Esqueceu-a. Mas n'outra volta tornou a avista-la. Parou então no ar. E a flor enviou-lhe a solicitação mais doce do seu perfume. N'um ruflar d'azas lucilante desceu para junto d'ella. Parou de novo entre ondas e ondas de perfume. N'um esforço violento fugiu de novo. Mas logo voltou. E a foi descendo, descendo, descendo até pousar na corola leve entre os estames. E logo a flor fechou os seus labios de velludo. Presentiu-se dentro uma palpação curta. E os labios de velludo da flor carnívora so abriram para deixar cair já sugados, esfrangalhados, os restos do pobre insecto que um dia viveu. Talqualmente, flor de perfidia, o teu coração fez ao meu pobre amor.

\*

\*

E tu, creança de olhos ingenuos, ao veres no azul da phantasia desfazer-se o illusorio encanto d'estas bolas de sabão incoherentes, fecha no teu peito o meu amor e o teu amor, gemeosinhos tenros, e bem juntos e bem apertados para que na plenitude da graça eternamente vivam terna, eternamente unidos.

Cruzeiro, Dezembro de 1910.

FRANCISCO DE QUEIROZ.

O amor no coração da mulher é como o diamante no carvão:

ha allí o fogo, a morte e a luz!

ARSÈNE HOUSSAYE.

## VISITA Á CASA PATERNA

*Como a ave que volta ao ninho antigo,  
Depois de um longo e tenebroso inverno,  
Eu quiz tambem rever o lar paterno,  
O meu primeiro e original abrigo.*

*Entrei. Um genio carinhoso e amigo,  
O phantasma talvez do amor materno,  
Tomou-me as mãos—olhou-me grave e terno,  
E, passo a passo, caminhou commigo.*

*Era esta a sala (oh! se me lembro! e quanto!)  
Em que da luz nocturna á claridade  
Minhas Irmãs e minha Mãe... O pranto*

*Jorrou-me em ondas... Resistir quem ha-de?  
Uma illusão gemia em cada canto,  
Chorava em cada canto uma saudade.*

(Seculo XX)

LUIZ C. P. GUIMARÃES JUNIOR.  
(fallecido em Lisboa em 1898)

## Cartas á minha vizinha

XXII

Vizinha:

O correio trouxe-me uma nova carta sua, tão benvinda como a primeira e como ella primorosa e finamente escripta.

Não me agradeça que a publique, porque fazendo-o obedeci apenas a um grato dever que me impunham: a lealdade perante a critica e o suggestivo interesse que se desprende das suas cartas, aonde a graça levemente ironica se allia a uma cortezia requintada.

E agora de novo aguardo com humildade e resignação, no pelourinho aonde a Vizinha me amarrou, com cordas de seda e oiro, o ingrato momento de me defender.

Do seu Vizinho que hoje, a seu pezar, não pode ser:

Importuno.

## A VIZINHA RESPONDE...

Vizinho:

Quando lhe dirigi a minha carta não a destinava á publicidade com que o Vizinho a honrou, honrando-me tambem. Desejava ape-

nas lavrar um protesto intimo que a minha consciencia me ditava.

Porém o Vizinho, n'um requinte de gentileza que lhe é tão peculiar, profanou com essa desataviada e descolorida carta as paginas da sua «Revista», aguçando mais, se é possível, entre toda a *vizinhança*, a curiosidade que as suas cartas já ha muito tinham despertado.

Não commetteu uma inconfidencia publicando-a, como o Vizinho muito bem pensou, antes teve para mim uma delicada e immerecida attenção que muito me sensibilizou e reconhecidamente agradeço.

E já ha mais tempo devia ter cumprido este dever; mas, não o fiz, porque não queria interromper a *defeza* que o Vizinho deu agora por concluida.

E' possível que o Vizinho se encontre satisfeito e plenamente convencido de que se *defendeu*, nas tres cartas ultimamente publicadas na «Revista», e ás quaes a sua penna scintillante imprimiu um brilho notavel.

Mas, na minha modesta e despretenciosa opinião, o Vizinho, ridicularisando a moda feminina, salientando a pretendida falta de preparação *ménagère* da mulher portugueza, exaltando as *Escolas ménagères*—para o que chamou em seu auxilio a *charge* de picarescas caricaturas e a sua vasta erudição—mostrando-se alternadamente ironico e sentimental, não se defendeu.

Ah! o Vizinho ri-se...

Sim, comprehendo que o Vizinho ria, mais talvez por me julgar demasiadamente audaz do que por estar convencido que a sua causa triumphou.

Pense por um momento, Vizinho, que as suas doutrinas eram verdadeiras, intangíveis e irrefutaveis, que a victoria lhe pertencia e que, finalmente, como os antigos vencedores romanos, o Vizinho, com um gesto altivo e glorioso, coroado de louros, entrava em triumpho no Capitolio, aclamado delirantemente pela multidão phrenetica!...

Que succederia?!...

Esperanças acalentadas carinhosamente durante alguns annos, sonhos de amor, de ventura, de felicidade—tudo desfeito, tudo aniquilado, tudo perdido!

Consequentemente, o futuro apparecer-

nos-hia ensombrado de pesadas nuvens negras, tristes, enigmaticas, indecifraveis: ninguém mais se casaria em Portugal, e a breve trecho este nosso lindo, adoravel e adorado torrão ficaria despovoado, perdida a sua nacionalidade e porventura a pertencer aos ditosos sêres que têm a felicidade de possuir as sublimes *Escolas ménagères!!!*

Ah, Vizinho, que horror! só este pensamento causa calafrios e deve abalar profundamente a sua convicção quanto ao casamento, por mais arraigada que a tenha.

Só isto, Vizinho, bastaria para derrubar todos os seus argumentos, se outros eu não lhe pudesse oppôr.

Porém, este mau sonho, este horrivel pesadelo, desvanece-se rapida e vaporosamente: a Natureza continuará, inalteravelmente, a sua obra grandiosa e sublime: o sol recommençará a sua solícita e interminavel tarefa de todos os dias, desdobrando o seu manto rutilo de oiro sobre nós, e desentranhando incansavelmente do seio fecundo da terra os saborosissimos fructos com que nos deliciamos e toda essa luxuriante vegetação que anima as nossas encantadoras paizagens; a lua continuará a inundar o espaço de luz, espelhando de tempos a tempos a sua face prateada na superficie clara e limpida das aguas dos nossos lagos e dos nossos rios; estes continuarão a serpentear por entre os choupos e salgueiraes, fazendo ouvir o seu doce e suave murmurio, que os rouxinoes acompanham, encantando-nos, com os seus trilos melodiosos; a lucta pela vida travar-se-ha, febrilmente, incessantemente, todos os dias, e... nos registos parochiaes, ou modernamente no civil, continuar-se-ha a cobrir as suas brancas paginas com innumeraveis «assentos» de consorcios e «baptisados»!...

E não sentirei uma inverosimil surpresa, Vizinho, quando um dia, breve talvez, quem sabe? vir o registo do seu casamento com alguma Vizinha tão conhecedora da administração do *ménage*—oh cruel ironia do destino!—que ignore a conformação d'uma casarola!... Que muitas vezes «o coração tem razões que a propria razão desconhece.»

\*

Tambem eu, Vizinho, tambem eu desejava



BARCELLOS PITTORESCO — RUA DE TRAZ

vir, contrictamente arrependida, confessar: «é verdade o que diz, Vizinho, tem razão, fui injusta, *peccavi mea culpa, mea maxima culpa*».

Mas a minha consciencia segreda-me tranquilla e socegadoamente: impossivel, Vizinho, impossivel.

Não porque eu queira negar ou contraditar systematicamente as suas theorias e as dos sabios e doutos professores que o Vizinho a cada momento cita nas suas cartas.

Acato e respeito algumas, achando outras absolutamente imprativaveis.

Comtudo, n'essas theorias, em vão procuro a *defeza* em busca da qual o Vizinho tão devotada e persistentemente se lançou.

Senão, vejamos:

O que foi que originou a nossa polemica?

Foi, como deve lembrar-se, aquella phrase que o Vizinho me attribuiu de que «os rapazes de hoje só casam por dinheiro».

Ora esta «cruel verdade», como o Vizinho lhe chamou, foi tão brilhantemente tratada e

desenvolvida na sua XV carta que eu absteinho-me de fazer sobre ella a mais ligeira consideração.

Na XVI carta e nas que se seguiram em resposta á que lhe dirigi, tenta o Vizinho desculpar a geração dos rapazes do seu tempo de se baixarem «a apanhar a esmola do dinheiro que a mulher lhes leva».

Mas a verdade, Vizinho, é que as accusações, ora mordentes de ironia ora repassadas de sentimento, que faz á mulher portugueza, umas são descabidas e outras não são de molde a levarem os rapazes do seu tempo a intimidar-se ou acovardar-se perante o casamento.

Lembre-se, Vizinho, da phrase de Epicteto que me citou n'uma das suas cartas:

«E' preciso não ter medo, nem da pobreza, nem do exilio, nem da prisão, nem da morte; *é só necessario ter medo do medo*».

\*

Vi nas suas ultimas cartas, meu importuno amigo, que *a moda* continúa a preocupar vivamente o seu espirito e sobre ella alveja os seus remoqueos com a mesma pontaria certa com que feriu o seu amor proprio de *regionalista*... á moda!...

O Vizinho generalizou a sua critica á *moda* sem se lembrar que nós, as *burguezinhas* provincianas, seguimos a distancia e vagarosamente «a corrida vertiginosa do automovel» d'essa «deusa voluvel e despotica» e ficamos quasi paradas em confronto com a vertigem extenuante das *extrangeiras* que o Vizinho tanto admira.

Demais, o Vizinho já o constatou, a moda exerceu sempre, desde tempos remotos, a sua influencia sobre a humanidade.

As saias calções—de que o Vizinho jamais terá o prazer de «rir consolado» por me ver usal-as—não são *le dernier cri de la mode*, pois foram usadas no seculo XII pelas inglezas, normandas e allemãs que, como o Vizinho sabe, já n'esse tempo eram... *extrangeiras!*

O mesmo acontece com as saias travadinhas e outros caprichos da moda, que muitas vezes não são mais de que o resurgimento do passado.

E não me consta que então como agora,

uma coisa de mínima importância e tão futil como a moda, privasse alguém de se casar.

Porque, Vizinho, se é certo que no nosso tempo de solteiras adaptamos um pouco á moda os dois vestidos que fazemos em cada anno, não é menos certo que depois de casadas devemos procurar usar o que mais agrade aos nossos maridos e se harmonise com as receitas do seu orçamento.

E se algumas mulheres casadas continuam a exhibir as suas «toilettes» custosas e no rigor da moda, é porque n'isso naturalmente têm prazer os respectivos maridos, cuja vontade eu, o Vizinho e demais *vizinhança* temos de respeitar.

Mas a mulher medianamente illustrada, casando-se, comprehende que o seu papel perante a moda está concluído e que a sua futura preocupação deve consistir apenas em agradar ao marido.

Reparo agora que esta já vae excessivamente longa; e como o Vizinho nem sempre terá paciencia de me aturar, concluirei na proxima carta, se a sua benevolencia m'o permittir, as considerações que as suas interessantes cartas me suggeriram.

Entretanto, não se dá por vencida nem convencida a sua Vizinha, ainda d'esta vez e com bastante magoa, bem pouco

Amavel.



## De relance

Não houve n'este anno festas das Cruzes!

Ha quem diga que para aquelles que contribuíram para a consummação d'esse facto foi bem feito. Mas ha tambem quem, vendo o quanto isso custou a Barcellos, lamente o egoismo dos que se recusaram a contribuir como deviam para as festas, e o desanimo que se apossou dos que trabalhavam — e até o capricho de todos.

Barcellos não devia ter ficado sem festas se de ha muito tivessem sido consideradas por todos um bom reclame e um meio de engrandecer o nome barcellense.

Se os donos dos hoteis, dos cafés, dos restaurantes, das casas de pasto e os mar-

gar verificam os lucros que lhes trazem as chantes — todos enfim que em primeiro lofestas — tivessem comprehendido que devem contribuir para as festas na proporção dos lucros que com ellas auferem, não sendo gananciosos mas antes bons patriotas e mais desinteressados amigos da sua terra, elles seriam os primeiros a ter ido de encontro aos membros da commissão que se dissolveu e, mostrando-lhe o seu apoio leal, evitariam que esta terra tivesse de curvar-se á ganancia e ao capricho irreverente de meia duzia de interesseiros — de interesseiros, mas maus amigos dos seus interesses!

Que não vale a pena a gente sacrificar-se, principalmente quando esse sacrificio vae redundar em beneficio alheio — já nós o sabemos.

Porém, acima de tudo, deve estar o interesse geral de Barcellos.

\*

Esta situação não pode ir além — nem irá. E' necessario que todos trabalhem com vontade, para que se façam festas no anno proximo. Mas tambem é *preciso* que, aquelles que acima citamos, se compenetrem de que lhes *cumpra o dever* de, sem serem generosos, contribuir para essas festas, mas d'uma maneira relativa aos lucros que ellas lhes trazem.

A prova de que é preciso fazer as festas, foi tirada; e o resultado foi deveras assustador para todos.

A Camara, na sua qualidade de representante do concelho e no cumprimento do seu dever, que é velar pelos interesses dos municipes, tem uma grande missão a cumprir: — é fazer a Parada Agricola; é dar seguimento a essa nobre ideia que inspirou o seu tão illustre primeiro promotor, o sr. Conde de Villas Boas, essa alma grande de patriota amigo da sua terra e do seu paiz; é incitar o lavrador a pensar na importancia da sua industria e ensinar-lhe que «a lavoira é a maior riqueza de Portugal».

E seja essa a festa de gala do municipio. Por seu lado, a Associação Commercial, embora com um encargo pesado para os membros da sua direcção, promoverá as outras diversões, organisando programmas que chamem e prendam a attenção do foras-



teiro. E assim, dividindo um pouco os deveres, obteremos resultados que beneficiam esta terra.

\*

Fallemos da parte monetaria — para dizer que é urgente poupar ás commissões esse importante e muito enfadonho trabalho de ir *pedir*, de porta em porta.

Os que interessam com as festas, que afinal de contas são todos os que teem qualquer commercio ou industria. devem poupar esse sacrificio aos commissionedos. Reunidos por classes, os contribuintes podem de entre si nomear uma commissão ou até só um collega, o qual se incumbirá de, até ao dia marcado pela commissão, entrar na thesouraria com a importancia, integralmente, com que a sua classe subscreveu. E d'este modo á Commissão é poupado um grande trabalho.

Pense-se, já d'aqui a pouco, nas festas para o proximo anno.

J. S.



### Carta aos Eleitores do Circulo de Cintra

(EXCERPTO)

SENHORES eleitores do circulo eleitoral de Cintra. — Acabaes de me dar uma demonstração de confiança, escolhendo-me para vosso procurador no parlamento: sinto que me não seja permittido acceitá-la.

Se tal escolha não foi uma daquellas inspirações que vem ao mesmo tempo ao espirito do grande número, o que é altamente improvavel, porque o meu nome deve ser desconhecido para muitos de vós; se alguém, se pessoas preponderantes nesse circulo, pelo conceito que vos merecem, vos apresentaram a minha candidatura, andaram menos prudentemente, fazendo-o sem me consultarem, e promovendo uma eleição inutil.

Ha annos que os eleitores de um circulo da Beira, na sua muita benevolencia para comigo, pretenderam fazer-me a honra que me fizestes agora. Um delles, um dos mais nobres, mais puros e intelligentes caracteres dos muitos que conheço, sumidos, esquecidos, nessa vasta granja da capital chamada

— as provincias, encarregou-se de vir a Lisboa consultar-me. Respondi-lhe como a consciencia me disse que lhe devia responder. e o meu nome foi posto de parte. De Cintra a Lisboa é mais perto, e a communicacão mais facil, do que dos remotos e quasi impervios sertões da Beira.

Duas vezes nos comicios populares, muitas na imprensa tenho manifestado a minha intima convicção de que nenhum circulo eleitoral deve escolher para seu representante individuo que lhe não pertença; que por larga experiencia não tenha conhecido as suas necessidades e miserias, os seus recursos e esperanças; que não tenha com os que elegeram comunidade de interesses, interesses que variam, que se modificam, e até se contradizem, de provincia para provincia, de districto para districto, e ás vezes de concelho para concelho.

Esta doutrina, posto que tenha vantagens no presente, reputo-a sobretudo importante pelo seu alcance, pelos seus resultados em relação ao futuro. É, no meu modo de ver, o ponto de Archimedes, um fulcro de alavanca, dado o qual, as gerações que vierem depois de nós poderão lançar a sociedade num molde mais português e mais sensato do que o actual, inutilizando as copias, ao mesmo tempo servis e bastardas, de instituições peregrinas, que em meio seculo teem dado sobejas provas na sua terra natal do que podem e do que valem para manterem a paz e a ordem publicas, e mais que tudo uma honesta liberdade.

Durante meses, no decurso de dous annos, tive de vagar pelos districtos centraes e septentrionaes do reino. Pude então observar amplamente quantas miserias, quanto abandono, quantos vexames pesam sobre os habitantes das provincias, principalmente dos districtos ruraes, como o vosso, que constituem a grande maioria do paiz. Vi com dor e tristeza definhados e moribundos os restos das instituições municipaes que o absolutismo nos deixara: vi com indignação essas solemnes mentiras a que impiamente chamamos instrucção primaria e educação religiosa: vi a agricultura, a verdadeira industria de Portugal, lidando inutilmente por desenvolver-se no meio da insufficiencia dos

seus recursos; vi, em resultado dos erros economicos que pullulam na nossa legislação, a má organização da propriedade territorial e a desigualdade espantosa na distribuição das populações ruraes, procedida da mesma origem, e dando-nos ao sul do reino uma imagem das solidões sertanejas da America, e ao norte uma Irlanda em perspectiva: vi a injusta repartição e a peor applicação dos tributos e encargos: vi a falta de segurança pessoal e real, especialmente nos campos, onde o homem é obrigado a confiar só em si e em Deus para a obter: vi um systema administrativo máu por si e pessimo em relação a Portugal, com uma jerarchia de funcionarios e uma distribuição de funcções que tornam remotas, complicadas, gravosas, e até impossiveis, a administração e a justiça para as classes populares, e incommodas e espoliadoras para as altas classes: vi, sobretudo, a falta da vida pública, a concentração do homem na vida individual e de familia, que é ao mesmo tempo causa e effeito da decadencia dos povos que se dizem livres: vi todos esperarem e temerem tudo do governo central; confiarem nelle, como se fosse a Providencia; maldizerem-no, como se fosse o principio máu: idéas completamente falsas, postoque bem desculpaveis num paiz de centralisação; idéas que significam uma abdicação tremenda da consciencia de cidadão, e da actividade humana, e que são o symptoma infallivel de que os males publicos procedem, não da vontade deste ou daquelle individuo, da indole particular desta ou daquelle instituição, mas sim do estado moral da sociedade e da indole em geral da sua organização.

E isto que vi perspicuamente, apesar de uma observação transitoria, vêem-no todos os dias, palpam-no, e, o que mais é, padecem-no centenares de homens honestos e intelligentes que vivem obscuramente por essas villas e aldeias de Portugal. Como os seus vizinhos, elles são victimas da nossa absurda organização; disso a que por anti-phrasé chamamos administração e governo. É entre taes homens que os circulos deveriam escolher os seus representantes; é entre elles que os escolherão por certo no dia em que comprehenderem que o direito elei-

toral é uma espada de dous gumes com que os cidadãos estão armados para se defenderem a si e a seus filhos, mas com que tambem podem assassinar-se e assassiná-los.

.....  
Aconselho-vos, como acabaes de ver, uma cousa para a qual os estadistas de profissão olham com supremo desprezo, a eleição de campanario, só a eleição de campanario, a eleição de campanario, permitti-me a expressão, até á ferocidade.

Não sei se podereis soffrer o affrontoso ridiculo que anda associado á doutrina que vos inculco. Eu posso. Em mim este alto esforço é o habito que resulta do longo tracto. A aguda e graciosa invectiva de deputado de campanario tem cãs veneraveis. Conheço-a ha muitos annos. Além dos Pyrenéos andava já em serviço dos ambiciosos, dos officiaes de politica ha bem meio seculo. Os nossos politicos encartados traduziram-na para seu uso. É que, assim como traduzem leis, traduzem o mais, postoque, se me é licito dizê-lo, o façam mal, muito mal, de ordinario.

Indubitavelmente este paiz trasborda de homens grandes, de profundos estadistas. Aqui o estadista nasce, como nasce o poeta; precede a escóla: dispensa-a, até. Sou o primeiro em confessá-lo. E a paixão dos homens grandes; dos profundos estadistas, é a salvação da patria: é a sua vocação, o seu destino, a sua suprema felicidade. Esses varões illustres pertencem, porém, ao paiz: é do paiz que devem ser deputados. Entendem-no elles assim, e parece-me que entendem bem. Em tal caso, eleja-os o paiz. Quando algum vos mendigar de porta em porta, e com o chapéu na mão, os vossos votos, respondei-lhe, como os eleitores dos diversos circulos do reino lhe responderiam, se o são juizo fosse uma cousa desmesuradamente vulgar:

«Somos uma pobre gente, que apenas conhecemos as nossas necessidades, e queremos por mandatario quem tambem as conheça e que nellas tenha parte; quem seja verdadeiro interprete dos nossos desejos, das nossas esperanças, dos nossos aggravos. Se os deputados dos outros circulos procederam de uma escolha analogá, entendemos

que as opiniões triumphantes no parlamento representarão a satisfação dos desejos, o complemento das esperanças, a reparação dos aggravos da verdadeira maioria nacional sem que isto obste a que se attenda aos interesses da minoria, que ahí se acharão representados e defendidos como se representa e defende uma causa propria. Na vulgaridade da nossa intelligencia, custa-nos a abandonar as superstições de nossos páes: cremos ainda na arithmetica, e que o paiz não é senão a somma das localidades. Homem do absoluto, das vastas concepções, se a vossa abnegação chega ao ponto de sollicitar a deputação do campanario, fazei com que vos elejam aquelles que vos conhecem de perto, que podem apreciar as vossas virtudes, o vosso carater. Certamente vós habitaes nalguma parte. Se não quereis abater-vos tanto, arredae-vos da sombra do nos-

so presbyterio, que offusca o brilho do vosso grande nome. Sêde, como é razão que sejaes, deputado do paiz. Não temos para vos dar senão um mandato de campanario.»

A resposta dos eleitores aos estadistas parece-me que deveria ser esta.

A eleição de campanario é o symptoma e o preambulo de uma reacção descentralisadora, a descentralisação é a condição impreterivel da administração do paiz pelo paiz, e a administração do paiz pelo paiz é a realisação material, palpavel, effectiva da liberdade na sua plenitude, sem anarchia, sem revoluções, de que não vem quasi nunca senão mal. Para obter este resultado, é necessario começar pelo principio; é necessario que a vida pública renasça.

ALEXANDRE HERCULANO.

Dos "Opusculos,,"

## Chronica agricola

*O operario rural deve melhorar de situação. A riqueza do nosso solo e a nossa negligencia. — Os grandes obstaculos ao progresso agricola no nosso meio. — A falta de capitães baratos. — Pequenos dados historicos sobre o credito agricola. — As Misericórdias deviam ser verdadeiros bancos agricolas. — Traços geraes do grande plano de fomento, de Oliveira Martins.*

O pobre trabalhador rural, que emprega o suor do seu rosto na labuta quotidiana da terra, tem sido sempre a classe mais desprotegida e mais espesinhada por todas as outras.

A falta de instrucção, mergulhando-o nas trevas da ignorancia; a má direcção das classes dirigentes, que só tentam explorar-o, fazem com que elle se encontre em tão misera situação.

Só com a prosperidade da agricultura a sua sorte poderá melhorar, deixando a escravidão em que se encontra, para se erguer activo, conscio dos seus deveres, e pugnando pelos seus direitos. Felizmente que os tempos mudaram, e d'ora avante a sua situação ha-de melhorar progressivamente, com a

promulgação de sabias medidas de fomento.

N'uma região tão rica, onde a natureza tão prodiga foi, na distribuição methodica das suas forças, desfructando alem d'isso uma privilegiada situação geographica, que só por si devia valorisar immenso todo o nosso solo, por nos encontrarmos nas proximidades de grandes centros de consumo mundiaes, nada d'isto tem conseguido revolucionar a agricultura, impellindo-a para as grandes empresas especulativas, que têm por norma a sua industrialisação. Os obstaculos ao progresso agricola, n'esta nossa região, têm sido por um lado a falta de instrucção e educação, a grande emigração de braços para o Brazil, a falta de instrucção profissional agricola, a má orientação nos arrendamentos da propriedade rustica e a falta de capital a juro modico.

A falta de capitães baratos, tem contrariado muito o desenvolvimento da agricultura; é por isso mesmo que n'uma serie de artigos, me occuparei da historia resumida do *credito agricola* em Portugal.

Foi Portugal o primeiro paiz onde se instituiu uma especie de bancos agricolas, que se denominavam *celleiros communs*.

O primeiro d'estes estabelecimentos, foi

fundado em Évora, em 1576, e só dois seculos depois é que na Allemanha se instituiu a primeira caixa de credito rural. Os celheiros communs eram estabelecimentos destinados a soccorrêr os pequenos lavradores, adeantando-lhe sementes nos annos de pequena producção.

No periodo de dois seculos estabeleceram-se 53 d'estas casas, a principio com os seus haveres expressos em sementes, até que foram substituidos por dinheiro.

Todos estes estabelecimentos desapareceram, desde que começaram a elevar o juro a mais de 6 ½. Fundaram-se ainda depois grande numero de bancos agricolas, que foram regulados pelas leis de Andrade Corvo, que teve em vista fazer com que as *misericordias* derivassem os seus emprestimos para a agricultura, por juro reduzido. Era certamente esse um grande pensamento que deveria até estar bem nitido no espirito de todas as commissões administrativas; porque embora se trate de dinheiros destinados á beneficencia social, quanto não seria para louvar, que esses capitaes beneficiassem não só o pobre emfêrmo, no caso de doença e assistencia, como emprestasse ao pobre lavrador, a pequeno juro, as quantias destinadas exclusivamente ao fim agricola! Sem grande sacrificio, as *misericordias*, que dispõem no paiz d'um capital nominal superior a quatorze mil contos, podiam desempenhar um grande papel no resurgimento da nossa agricultura. Effectivamente eram essas medidas de grande alcance; mas deu-se o mesmo, que se dava com a maioria das leis, que não passavam do papel, devido a influencias politicas d'este ou d'aquelle, a quem era preciso obedecer.

A não ser a *misericordia* de Lisboa, poucas mais cumpriram a lei, continuando como até agora, a fazer emprestimos que pouco beneficiam a lavoura.

Fundaram-se ainda alguns *bancos ruraes*, que em vez de auxiliarem o pequeno lavrador, cada vêz o exploravam mais. Os *bancos de credito predial*, eram verdadeiras casas de penhores, onde não poucas vezes os grandes magnates levantavam capitaes muito superiores ao valor das suas propriedades.

Em 1887, Oliveira Martins, verificando que os bancos agricolas e industriaes, fundados em 66 e 67, se tinham transformado em perfeitos bancos commerciaes em detrimento da agricultura; temendo alem d'isso a grande oscillação da taxa de juro, que variava entre os extremos de 10 e 75 ½, tratou de apresentar ao parlamento uma ampla proposta de fomento rural, que infelizmente não entrou sequer em discussão. O grande economista propunha-se aproveitar todo o capital movel de egrejas, corporações religiosas, irmandades, confrarias, misericordias e quaesquer outros estabelecimentos de beneficencia social, que se viessem a fundar; juntava todo este capital, e espalhava-o depois uniformemente pelo paiz, estabelecendo um *juro padrão*, a que se fariam os emprestimos. O fim principal era proporcionar capitaes quer á lavoura, quer á propriedade rustica, não só para desbravamento de terrenos incultos, como para melhoramento dos cultivados.

O banco central fundaria agencias em cada concelho ou grupo de concelhos, que tivessem de 50 a 60:000 habitantes. Em cada agencia se fundaria uma caixa economica.

Esta tentativa foi frustrada, mas não deixou de influir no animo dos grandes economistas e financeiros, e alguma coisa puzeram em pratica, muito embora a agricultura não tenha colhido grandes beneficios.

O Banco de Portugal apresenta n'uns traços geraes o pensamento de Oliveira Martins.

(Continúa)

E. MARÇAL.



## HORACIO DE AMORIM

Agradecemos a este distincto escriptor a honra que nos dá de collaborar nesta *Revista*.

Espirito de uma grande cultura, trabalhador methodico e tenaz, intelligencia solidamente disciplinada e de uma orientação rasgada e sã, Horacio de Amorim, traduz bem nos seus escriptos todas estas qualidades superiores, tão raras e por isso tanto de apreciar.

Nós que muito o estimamos e o admiramos, como merece, acolheremos sempre, com o maior prazer, a sua collaboração brilhante e conscienciosa, finamente erudita e elevadamente educativa.